

OS JESUÍTAS E SEUS SUCESSORES (I) (*). (Moxos e Chiquitos — 1767-1830).

UACURY RIBEIRO DE ASSIS BASTOS

Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

Ao examinarmos documentação existente no *Archivo General de la Nación Argentina* a procura de elementos para elaboração de tese de doutoramento cujo tema relaciona-se com o Rio Paraguai encontramos *legajos* sobre moxos e chiquitos. Ambos interessaram-nos a medida que se referiam à áreas pertencentes à bacia do Paraguai. Por Chiquitos passa o divisor de águas das duas maiores bacias hidrográficas da América do Sul: a do Amazonas e a do Prata. Vários manuscritos encontrados ligam-se diretamente ao nosso tema de doutoramento.

A presença de Lázaro Ribeira como governador de Moxos era de nosso conhecimento. Não sabíamos, entretanto, da importância de sua passagem pelo governo militar da antiga missão jesuítica. Propugnador de mudanças, manteve farta correspondência com a Audiência de Charcas.

A principal peça documental de seu governo é um longo informe manuscrito, que editado daria um livro de mais de 200 páginas, no qual examina cada um dos problemas que existiam na região. Insurge-se em linguagem viva e áspera contra quase tudo que encontra. Analisa a situação existente na época dos jesuítas, aos quais não regeia elogios, estabelece comparações com o governo dos curas, sucessores daqueles religiosos e termina propondo modificações administrativas que são aceitas pela audiência de Charcas.

A necessidade de maior penetração dos problemas abordados por Lázaro Ribeira levou-nos a estabelecer correlação com as mis-

(*). — Com este número iniciamos a publicação da tese de Mestrado em História (*Nota da Redação*).

sões guaranis. Na coleção de documentos publicados por Pedro de Angelis pudemos situar na máquina burocrática da América Espanhola, o pensamento do governador de moxos. Buscando o fio da meada fomos obrigados a voltar nossas vistas para alguns aspectos da Ilustração.

O Liberalismo faz-se presente, de forma ostensiva ou discreta, nas concepções voltadas para análise daquilo que havia sido feito pelos jesuítas. A posição é de combate implacável. As reduções religiosas foram em si, a medida que seus idealizadores se sensibilizaram frente à cultura indígena e a aceitaram, opositores inconscientes dos anseios liberais da Europa. Dai o clamor levantado e a própria expulsão dos jesuítas de terras da América.

O assunto é difícil. Sabemos que analisar a evolução das antigas missões jesuíticas constitui trabalho que se revestirá sempre de aspectos incompletos. Gravitam em torno do tema problemas religiosos, para citar somente os que são mais perceptíveis. As mais variadas ramificações existem, é evidente.

Não pretendemos, nem temos possibilidades para tanto, esgotar o assunto. E' nossa intenção somente abordar alguns aspectos do problema. Talvez, si um mérito existe, é o de havermos tentado a montagem de um trabalho tendo por base fontes primárias em maior quantidade. E si existe algum mérito é êle mais um produto da falta de livros baseados na documentação que encontramos em Buenos Aires. E' possível que existam trabalhos publicados na Bolívia. Nada encontramos em São Paulo. Terminamos julgando válida uma interpretação baseada principalmente em documentos manuscritos. Resta-nos a sensação do vazio de não termos podido fazer levantamento em Arquivos e Bibliotecas da Bolívia.

E' uma dívida que pretendemos saldar algum dia. Tais são as principais limitações dêste trabalho. As outras que reconhecemos grandes são nossas.

Da Espanha da Contra-Reforma originou-se o mais vigoroso movimento missionário do nôvo mundo. Das diversas ordens que se dedicaram à catequese destaca-se a dos jesuítas que, espalhados desde a Califórnia até ao Rio da Prata instalaram-se nos mais variados ambientes geográficos, creditando a seu favor, o grande mérito de preservar populações e línguas indígenas, que talvez tivessem perecido frente à horda dos conquistadores.

Na América do Sul, das áreas ocupadas por aqueles catequistas sobressaem pela originalidade e importância as que tiveram as missões dos guaranis, dos moxos e dos chiquitos. A primeira situada em trechos das bacias dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai. As outras duas no atual Oriente Boliviano em região tropical, de pequena alti-

tude e declividade mínima, sujeitas à inundações periódicas, que cobrindo porcentagem elevada de seus territórios, constituem um dos melhores exemplos de penetração européia em condições as mais adversas. E' bem verdade, que as características fundamentais da cultura indígena foram respeitadas pelos missionários. Baseados no que existia, estabeleceram as diretrizes da ocupação do solo, fundaram aldeias e incrementaram atividades econômicas pré-existentes.

Pode-se aferir o êxito alcançado, e o grau de prosperidade atingido ao lermos as narrativas deixadas por D'Orbigny ao percorrer a região que mergulhara em profunda decadência, e da qual, emergiam através de suas ruínas testemunhos incontestes da empresa jesuítica. Cabe-nos ressaltar a importância da população nativa habituada a retirar sua subsistência de "gêneros de vida" resultantes do longo processo de adaptação do homem ao meio natural. E' fora de dúvida um mérito dos missionários, implícito na própria finalidade catequista, a valorização do material humano ao qual dirigiam suas prédicas. Os elementos espirituais das culturas indígenas deviam ser substituídos pelo complexo ético-religioso moldado na longa evolução dos povos europeus.

A cultura material do índio enriquecida por técnicas de origem européia adquire matizes diferentes e um vigor muitas vezes superior ao que possuía.

A introdução do ferro, dos animais domésticos, de teares, revolucionam a economia das populações catequizadas. A incorporação da carne bovina à dieta indígena libera energia humana antes utilizada nas tarefas da caça e pesca, fontes fundamentais da obtenção da proteína animal.

Constitui também traço essencial das organizações jesuíticas a manutenção do sistema de propriedade do solo encontrado nas diversas áreas nas quais se instalaram as missões. Contra este regime insurgem-se os homens da Ilustração. Criticam o sistema de comunidades, estigmatizando-o como proveniente de plano astuto que visava formas de exploração mais intensa do trabalho indígena. O estabelecimento de uma economia fechada na qual a população era subtraída das atividades comerciais, é visto como mais uma artimanha cujo objetivo, no dizer dos paladinos do liberalismo econômico, era bem claro: canalizar para os cofres da Companhia os lucros que pertenceriam à população de neófitos. Defendem-se os jesuítas fundamentados na premissa consagrada pelo pensamento europeu, a minoridade do índio. Este mesmo argumento é muitas vezes usado pelos administradores que assumiram o controle das regiões missionárias após 1767, ano da expulsão dos inicianos. E' digno de nota a presença de homens impregnados pelo pensamento da Ilustração entre os subs-

titutos dos padres expatriados. E, êsses mesmos homens, ao se deffrontarem com a responsabilidade da adoção de medidas capazes de modificar de forma radical a vida das populações agrupadas pelos padres da Companhia, recorrem ao argumento do risco representado pela libertação do índio de uma tutela que o protegia contra contactos avassaladores, oriundos dos colonos espanhóis.

O tão decantado isolamento das missões encontra em fatôres geográficos explicação que de forma alguma podemos subestimar. As características hidrográficas e topográficas de moxos e chiquitos falam por um isolamento decorrente de condições naturais. As próprias aldeias construídas nestas regiões, em colinas de altitude pouco superior ao nível das inundações, permanecem ilhadas durante parte do ano. A ligação entre Moxos e Santa Cruz de la Sierra, centro regional de vasta região, exige mobilização constante de centenas de romeiros: em condições de vida caracterizada pela aspereza.

Vila Bela e Cuiabá pertencentes aos mesmos sistemas hidrográficos são beneficiadas por conexões de rotas fluviais. O contrabando torna-se traço dominante na vida econômica da capitania de Mato Grosso.

Observa-se com mais intensidade no período denominado “governo dos curas”, que sucedeu ao dos jesuítas.

O bispo de Santa Cruz de la Sierra, em substituição aos missionários, organiza um sistema até certo ponto decalcado no que havia existido na região. Dois curas centralizam todos os poderes que antes pertenceram aos padres da Companhia.

Um é encarregado de tôdas as atividades econômicas e o outro das religiosas. O despreparo religioso leva-os às maiores arbitrariedades. As antigas missões caracterizam-se então, pela licenciosidade de costumes, e pela apropriação de grande parte das rendas pelos curas. Êstes praticavam comércio de contrabando com Mato Grosso e desviavam produtos das comunidades indígenas para comerciantes de Santa Cruz e Cochabamba.

De 1767 a 1830 perdura em linhas fundamentais a mesma organização sócio-econômica, caracterizada, entre outras coisas, pela ausência da propriedade privada do solo e pela participação apática de uma população marginalizada numa sociedade a qual pertencia como simples vítima indefesa. O cepo e o açoite introduzidos como método disciplinar pelos jesuítas perduram pelo menos até a terceira década do século XIX. Resistem às mudanças de forma administrativas: “governo dos curas” e “governo secular”. Só ha uma explicação na permanência destas características — a visão européia setecentista do índio.

O fenômeno não é regional. Os mesmos aspectos encontramos nas missões guaranís.

As linhas mestras dêste trabalho voltam-se para os seguintes problemas: a organização jesuítica e o isolacionismo das missões, o sistema das comunidades e o liberalismo, e a visão européia do índio.

O meio geográfico e a penetração dos europeus em Moxos e Chiquitos são assuntos que examinamos rapidamente.

Impunham-se a medida que possibilitaram e implantação do regime missionário e lhes deram características próprias.

O período compreendido entre 1767 e 1830 apresenta três fases administrativas de estruturas semelhantes. Diferenciam-se pela capacidade e integridade moral maiores ou menores dos governantes do complexo sistema instaurado pelos jesuítas, e prosseguido após a expulsão destes pela administração dos curas e pelo governo secular.

Finalmente, não nos pareceu necessário um rígido respeito aos marcos cronológicos.

I

O AMBIENTE GEOGRÁFICO.

Os tratados clássicos de Geografia Universal de Vidal de la Blache e Elisée Reclus (1). quase nada dizem do Oriente Boliviano.

Da primeira coleção é o livro de Pierre Denis, *L'Amérique du Sud* (2) que se refere rapidamente às regiões de Moxos e Chiquitos. Na bibliografia ressalta a importância do livro de D'Orbigny (3). O último volume da segunda coleção, o XVIII apresenta uma visão mais antropológica que geográfica.

Preston James em seu livro sobre América do Sul poucas páginas dedica à Bolívia e à região oriental desta, quase nada (4).

Resta-nos, pois, como principal estudo geográfico da região o livro feito em começos do século XIX pelo grande naturalista francês Alcides D'Orbigny. Percorreu-a durante meses e deixou-nos trabalho

(1). — Reclus (Elisée), *Nouvelle Géographie Universelle — Amérique du Sud*. Vol. XVIII. Paris 1893. Chiquitos-Mojos, págs. 656-663.

A sua maior preocupação é a do estudo das diversas nações indígenas da Região. Baseado em D'Orbigny descreve exaustivamente cada um dos agrupamentos da população que então existia no leste boliviano.

(2). — Denis (Pierre), Tomo XII da *Géographie Universelle* de Vidal de la Blache. Paris. 1927, págs. 334 a 337.

(3). — D'Orbigny (A.), *Viaje a la America Meridional*. 4 tomos. Buenos Aires. 1945.

(4). — James (Preston E.), *Latin America*. New York, 1942, pág. 203 a 205.

que aborda os seus mais variados aspectos: geológico, geomorfológico, climático, fito-geográfico, hidrográfico e humano. Na edição francesa existe albuns que ilustram cada um dos aspectos estudados. Artisticamente elaborados, são de uma beleza comovente.

Um volume de mapas dos quais ressaltamos os hipsométricos, geológicos e botânicos, valoriza sobremaneira o trabalho do sábio francês.

Climaticamente o traço fundamental é a tropicalidade. Estende-se a área antigamente ocupada pelos jesuítas do 10º até o 22º de latitude Sul. No mapa (5) que acompanha as Ordenanças para criação do Regime de Intendências, Chiquitos tem como limite meridional o rio Bermejo. Bem mais acima portanto do paralelo de 22º. Incluía, pois, tôda a região do Chaco na *gobernación* de Chiquitos.

Bloqueadas pelos guaicurús as missões permaneceram em latitudes muito mais baixas àquelas que lhes atribui o mapa referente à Chiquitos. A posição geográfica, é pois, tipicamente tropical.

A pequena amplitude térmica anual, a grande variação diária de temperatura, a existência de uma estação de chuvas e outra de sêca bem nítidas são as características fundamentais. Fazendo parte da planície que, bordejando a cordilheira dos Andes estende-se até a Amazônia, a região é atingida pelas massas polares canalizadas pela grande Cordilheira Sul Americana e pelo Planalto Brasileiro. O fenômeno denominado friagem na bacia do Amazonas, caracterizado pela queda brusca de temperatura, observa-se também na região. Geologicamente a região de Chiquitos é formada por terrenos cristalinos dos quais proveem formas topográficas que se caracterizam pela série de colinas graníticas em cujas bases situam-se aluviões quaternários provenientes das inundações anuais.

A leste de Chiquitos afloram terrenos primários que formam elevações semelhantes às nossas chapadas. A altitude atinge então cotas próximas a 1000 ms. E' o planalto Chiquitano topograficamente pertencente ao divisor de águas das Bacias do Paraguai e Amazonas.

“Parte do planalto Chiquitano e a cordilheira de Sansas, que demora ao norte, constituem divisor de águas entre as bacias do Paraguai e Amazonas, divisor que, semelhante ao que ocorre em Mato Grosso, não é formado por cadeia de montanhas senão por platôs ou cabeços arredondados de rochas cristalinas (Sansas). São paredões avermelhados, de arenito, em aparatos de notável relêvo

(5). — Vide mapa anexo *Organizacion Política y Administrativa del Virreinato de Buenos Aires em Intendencia de Ejercito y Provincia. Con arreglo a la Real Ordenanza de 28 Enero de 1782.*

emergindo à guisa de muralhas íngremes tendo da crista à base das planícies que lhe ficam ao sopé um desnível aproximado de 800 a 1.000 metros” (6).

A descrição é do geólogo brasileiro Pedro de Moura que assim prossegue:

“Imaginem-se do sopé dos Andes, estendendo-se para leste, imensas planícies aluviais, vindo esbarrar nos vales do Paraguai e Guaporé, planícies que terão uma extensão média superior a 500 quilômetros. São essas planícies quebradas na sua regularidade por um planalto, na latitude da foz do São Lourenço, planalto que em parte é divisor de águas entre o Amazonas e o Prata, e que, modificando grandemente a topografia regional serve de fator geográfico preponderante para a sub-divisão do Oreinte Boliviano em três zonas perfeitamente distintas.

Ao norte do planalto Chiquitano estendem-se as planícies do ato Paraguai e as de Mojos, compreendendo estas os vales do Mamoré e do Beni em parte.

O planalto Chiquitano é relêvo notável em todo o Oriente Boliviano, marcando destacado ressalto nas grandes planícies que caracterizam aquela parte da vizinha República.

Ele tem uma direção geral W.N.W.-E.S.E. ficando como um torrão elevado entre os rios Grande, Paraguai e Guaporé.

Ao norte do planalto como acabamos de notar, e a NW demoram as planícies amazônicas do Mamoré e do Beni; a oeste se encontram as extensas planícies de Santa Cruz de la Sierra que bordam o vale do Rio Grande. Ao sul, enfim, se encontra a extensa e quase impenetrável região secularmente chamada Chaco...” (7).

Destas características topográficas, modeladas pelas linhas de drenagem, decorre o traçado hidrográfico. De Chiquitos partem rios que vertem para o Rio Paraguai, Otuquis por exemplo, e outros que demandam o longínquo Amazonas como o São Miguel.

Área inundada, permanece coberta pelas águas. Linhas de drenagem de existência intermitente, denominadas *corixas* (8) em Chi-

(6). — Moura (Pedro de), *Bacia do Alto Paraguai*, in “Revista Brasileira de Geografia”, C.B.G.E. — Janeiro-Março 1943, pág.13.

(7). — *Ibidem*, pág. 23.

(8). — A palavra *corixas* através do linguajar do homem do pantanal incorporou-se à língua portuguesa como um brasileirismo registrado por Caldas Aulete em grafia diferente: *Corixas*. Sua procedência do Oriente Boliviano é constatável nos manuscritos que compõe o *Legajo gobernación de Chiquitos*.

quitos, lentamente dão escoamento às águas acumuladas na estação das chuvas. No período da sêca transformam-se em várzeas atapeadas de gramíneas.

Florestas tropicais em Chiquitos e tipo equatorias em Moxos recobrem longos trechos do território.

Campos ora inundados ora recobertos por gramíneas (no período da sêca) — *La pampa* de Machupo (9) vale do Rio que dá nome ao mais célebre campo de Moxos, apresentam em seu revestimento botânico varias especies de palmeiras. A *Copernicia* — *cerifera* — carandaí no Chaco, carandá no Pantanal de Mato Grosso e corandaí no Oriente Boliviano — estende-se por amplas áreas e caracteriza regiões de ricas pastagens favoráveis à pecuaria extensiva (10).

Ainda que seu nome científico seja o mesmo da carnaubeira, é sabido que só no NE do Brasil produz cêra. Mais importante era a palmeira conhecida por motacú. Desta era extraído óleo para iluminação e outras finalidades.

Madeiras ebanísticas existiam e ainda existem. Aproveitadas desde o século XVII permanecem como uma das principais riquezas. Nas florestas do Oriente Boliviano o mogno, uma das madeiras de maior procura no mercado internacional, aparece em quantidade elevada.

Em rápido apanhado tentamos dar um idéia do meio ambiente no qual as missões desenvolveram-se. O recursos naturais existentes acionados pela hábil administração dos padres da Companhia permitiram o florecimento econômico.

Clima tropical, relêvo de planície, inundações periódicas, solos férteis para pecuaria e agricultura, indústria extrativa são características fundamentais da região.

(9). — A palavra *pampa* é hoje usada para indicar os campos de regiões temperadas da América do Sul, particularmente na Argentina. De origem quíchua designava até o século XVIII, todos os tipos de campo, tropicais ou temperados. Documentos pertencentes à *Gobernación de Moxos* referem-se com insistência aos pampas situados no Oriente Boliviano. A título de curiosidade lembremos a origem da palavra Cochabamba. Segundo Francisco Viedma, governador desta Intendência, provém de cocha (inundado) mais pampa (campo). Campo inundado é pois a palavra que designava uma das intendências do Vice-reinado do Prata. *Colección de Obras y documentos. Pedro de Angelis*. Tomo III, pág. 6. Buenos Aires 1836.

(10). — No Pantanal de Mato-Grosso é linguagem corrente a designação de "arroz sem sal" aos campos sem carandá. No Chaco e no Pantanal a presença desta palmeira coincide com maior concentração de sais minerais, particularmente cloreto de sódio tão necessário ao gado.

II

OS EUROPEUS EM CHIQUITOS E MOXOS.

“Situado no coração da América do Sul, comunicando-se com o mar por intermédio do Paraná, o Paraguai parece ser a sentinela avançada colocada entre o mundo conhecido e a solidão” (11).

Si no século XIX essa definição era válida, época em que um cientista assim caracterizou o Paraguai, muito mais expressiva torna-se hoje esta conceituação si considerarmos a presença de um núcleo populacional europeu, situado a margem esquerda do Rio Paraguai, em terras dos *carios*, na terceira década do século XVI. Assunção fundada em 1537 por Juan de Salazar, distante cêrca de 1000 kms. em linha reta do núcleo fundado por Pedro de Mendonça, sobrevive graças a dois fatores: a acolhida que os guaraníes ofereceram aos espanhóis e o “mito” da Serra do Prata tão enraizado na mente dos primeiros povoadores, da localidade que durante quase todo o século XVI foi o estabelecimento europeu mais distante do Oceano em todo continente americano. A destruição de Buenos Aires e a transferência de seus povoadores para Assunção, anulando qualquer possibilidade de recuo, tornam a perseguição do mito idéia inarredável.

A certeza da existência do Reino do Paititi é alimentada pela presença de objetos de metais nobres que, passando de tribo para tribo atingiu o estuário do Prata.

Alfred Metraux aceita como verídico êste fato e considera-o resultante de intercâmbios comerciais efetuados pelos índios moxos com o Império dos Incas (12).

A troca de tecidos por metais preciosos que, passando de mão em mão, atingem o Paraguai, reforça o mito da Serra de Prata e identifica-o ao do Reino do “Grão Mojo” ou do Paititi. i

A população indígena do vale do Paraguai considerava a planície de Moxos como região de onde provinham os objetos metálicos.

Indianizado o colono espanhol pela mais irrestrita poligamia tão difundida, que Assunção do século XVI foi congnomizada o Paraíso de Maomé (13), a fusão dos dois grupos cário e europeu consolida-se

(11). — Dardye (E. Bourgade), *Le Paraguai*. Paris. 1889, pág. 1.

(12). — Metraux (Alfred), *Tribes of Eastern Bolivia an the Madeira Headwaters. Handbook of South American Indians*. Washington. 1948. Vol. 3, pág. 409.

(13). — Levene (Ricardo), *Historia de la Nacion Argentina*, pág. 174. Buenos Aires 1939. “Os trezentos e cincoenta espanhóis concentravam-se em Assunção, sonhando com a Serra de Prata e convertendo o antigo forte de Juan de Salazar em uma cidade que pela abundância de mulheres índias e a vida deliciosa que se levava obteve dos mesmos conquistadores o nome alucinante de Paraíso de Maomé”.

pelos laços de parentesco estabelecido através do cunhadismo. Organizam-se expedições que, subindo o Rio Paraguai até o Paralelo de 17º ou cruzando o Chaco atingem a região de Chiquitos, e nela constataam a presença de objetos de prata, vislumbrando a transformação do mito em realidade (14).

Mas a chegada era tardia. Na década dos 40, do século XVI, o Império dos Incas já havia sido subjugado pelos espanhóis que pelo Oceano Pacifico penetraram e conquistaram tão ambicionada região.

A fundação de Santa Cruz de la Sierra por Núflío Chaves, no 3º quartel do século XVI encerra a participação assuncenha na devassa do Oriente Bo'iviano. A penetração nesta região de povoadores espanhóis oriundos do Perú, é desta época também (15).

O Rio Grande (Guapay) é o caminho utilizado pelos descobridores da Região de Moxos, provenientes dos Andes. Em 1580 a região é atingida por Lorenzo de Figueiroa. Juan Torres de Palomino descendo o rio Guapay percorre a mesma área em 1595. Os contatos das duas regiões com os espanhóis criam condições para o trabalho missionário dos jesuítas. O Padre José Arce funda a primeira missão em Chiquitos em 1691. Desta data até 1775 os jesuítas fundaram 8 missões. Ao serem expulsos, a região apresentava-se próspera econômica e demograficamente e haviam organizado 10 missões, a saber: San Rafael, San Miguel Concepción, San Ignacio, San José, Santiago, Santa Ana, San Javier, San Juan, Santo Corazon (16).

Data de 1668 a penetração dos inacianos em Moxos. Esta primeira tentativa reveste-se de fracasso. Em 1675 os irmãos José Castillo Cipriano Barrace e Pedro Marbón permanecem em Moxos durante alguns anos, aprendendo a língua indígena e plantando as primeiras sementes do Cristianismo.

A primeira missão Loreto, foi fundada em 1684, Trinidad em 1687, e San Inacio em 1689. Em 1715 existiam 15 missões: Loreto, Santa Rosa de Chaporé, Trinidad, San José, San Luis, San Borja, San Pablo, Reys, Concepción de Baurés, San Juan Bautista de Guarayos e San Joaquim (17).

(14). — Metraux (Alfred), *Tribes of Eastern Bolivia an the Madeira Headwaters Handbook of South American Indians*. Vol. 3 pág. 383. "De Puerto de los Reyes (lat. 17º-57'S), Cabeza de Vaca invia uma expedição para Oeste com guias guaraníes. Seu lugar-tenente, Rivera, chega em uma região em que os índios usavam discos de prata nos lábios inferior e brincos de ouro.

(15). — Narrativa detalhada sôbre a fundação de Santa Cruz de la Sierra encontra-se em Gandía (Enrique de), *Historia de Santa Cruz de la Sierra*. Buenos Aires. 1935, pág. 69-100.

(16). — D'Orbigny, *op. cit.*, tomo IV, pág. 1268.

(17). — Metraux (Alfred), *op. cit.*, pág. 410.

III

A MINORIDADE DO ÍNDIO.

Um princípio foi comum a todos os governos pelos quais passou a região e explica a ausência do índio nas atividades comerciais: o da sua incapacidade. Considerado débil e incapaz pelos seus defensores do século XVI, sobre eles incidem opiniões mais desfavoráveis emitidas pelos enciclopedistas no século XVIII.

Gerbi estuda em livro de leitura agradável e linguagem precisa, documentado em textos dos diversos autores do século XVIII, as conceituações que se formaram sobre a população ameríndia. Aos que defendem a idéia do bom selvagem contrapõem-se os que consideram-no um inferior orgânicamente. Foram os jesuítas os que mais contribuíram para o aparecimento do conceito do “bom selvagem” que atinge sua mais nítida afirmação com Rousseau. Expatriados do continente americano e de seus países europeus de origem, passava viver na Itália, onde participam da polémica que, iniciada por Buffon, prosseguida por D. Paw chega até o século XIX através de Hegel.

Já no século XVI La Casas e o bispo de Polafox em luta tenaz contra os opressores dos índios recorreram e usaram como argumento para defendê-los aquilo que denominaram a debilidade de seus protegidos.

R. *Provision, las leyes nuevas* (18) trazem a influência nítida do incansável defensor dos índios. Gerbi assim resume o problema:

“De las Casas passou as “leyes nuervas” o conceito de índio débil, a quem se deve proteger, defender e colocar sob tutela. Do ilustre bispo de Polafox pode-se dizer que, como a maior parte dos pensadores espanhóis que defenderam os índios, criou em uma forma inconsciente a idéia de sua inferioridade e apoucamento, de sua minoridade, simplicidade e de sua reduzida aptidão; para defender-se por si só, dando motivo que *las Leyes de Indias* fôsem ditas em razão da debilidade da raça” (19).

A base pseudo científica para estigmatizar o índio como ser inferior encontra fundamentação na obra do naturalista Buffon. Prestigiado pela reputação de cientista, compara a fauna do nosso conti-

(18). — Konetzke (Richard), *Coleccion de Documentos para la Historia de la Formacion Social de Hispano-America 1493-1810*. Madrid 1953. Tomo I, págs. 216 a 220.

(19). — Gerbi (Antonello), *La Disputa del Nuevo Mundo*. México. 1960, pág. 70.

nente com a do Velho Mundo. O leão com a puna, o elefante com o tapir e neste caso com acento irônico afirma

“é do tamanho de um bezerro de seis meses ou de uma mula muito pequena”.

Essa espécie de camelo conhecida pelo nome de llama é ainda mais mesquinha. Prossegue o naturalista dizendo que todos os animais domésticos (cavalos, bois ovelhas, cabras e asnos) sofreram decadência no novo mundo. Somente o porco prosperou. A quantidade reduzida de população no Novo Mundo resulta da inferioridade biológica do selvagem que é comprovada pela ausência de pêlo e por acentuada frieza sexual. Não pôde dominar a natureza e por ela foi subjugado (20).

Gerbi observa:

“o nexó singular entre a impotência do selvagem e a ausência de grandes animais ferozes — nexó de um erotismo sutilmente escabroso, muito século XVIII — parece sugerir a Buffon outro passo adiante. Frio é o selvagem, fria é a serpente!...”.

D. Paw, típico enciclopedista manifesta sua fé no progresso e descrença no homem. O homem só se aperfeiçoa em sociedade, por si, em estado de natureza é um bruto incapaz de progresso (21).

Em seu livro *Recherches philosophiques sur les Americaines* ou *Memories interessants pour servir a l'Histoire de l'Espèce humaine* (Cornelle de Paw, Berlim, 1786) — implícita e explicitamente polêmico contra os relatos dos admiradores do bom selvagem, repete até ao fastio que a natureza na América é débil e corrompida, que é débil por estar corrompida e inferior por estar degenerada” (22).

No século XVII Bacon já havia prestado sua contribuição ao conceito da inferioridade do índio: A América continente inundado ficou totalmente destruído por um dilúvio; vemos assim que seus rios são muito maiores e as montanhas muito mais altas, das quais se precipitam mais águas que em qualquer parte do velho mundo (superioridade da natureza inanimada no continente americano e tendência à umidade). A população originou-se de sobreviventes de um dilúvio mas de grupo diferente do de Noé e seus filhos que eram da principal

(20). — *Ibidem*, págs. 3, 4, 5.

(21). — *Ibidem*, págs. 49, 50.

(22). — *Ibidem*, pág. 51.

família da terra! Esta a razão do não aparecimento de uma civilização industriosa e a ausência de escrita segundo Bacon. Durante a inundação refugiaram-se nas montanhas e ao descerem para os vales aquecidos adquiriram o hábito da nudez. Ao se enfeitarem com penas de pássaros fazem como seus antecessores montanheses, os quais se sentiram atraídos pelo vô das aves que se refugiavam nas terras altas enquanto abaixo se instalavam as águas. E Gerbi acrescenta: com esta pitoresca e graciosa fantasia Bacon explica ao mesmo tempo a juventude do continente, o escasso número e atraso de seus habitantes, a catastrophe de um mundo e a pena na cabeça do índio.

Na América espanhola o índio não podia ser visto de maneira diferente. Os jesuítas durante o longo período de permanência em nosso continente sempre tiveram pelo índio uma atitude de tutela baseada na imaturidade dos evangelizados.

A diferença fundamental entre os religiosos da Companhia e os enciclopedistas reside na certeza que aquêles possuíam da existência de inúmeras outras qualidades em seus catequizados. Coragem, vigor físico, lealdade, resistência excepcional, comprovada no duro trabalho dos ervais do Paraguai ou nas longas navegações do Mamoré e do Rio Grande, efetuadas entre Moxos e o pôrto de Payla, à margem do Rio Grande.

O trabalho dos ervais exigia e ainda exige esforços quase sobre-humanos. Em picadas tortuosas os índios transportavam nas costas volumosa quantidade de erva, cujo pêso oscilava entre 8 a 10 arrôbas espanholas, levando-a ao *barbaquá* a centenas de metros. A secagem da erva exigia a reafirmação de tôdas as qualidades que os jesuítas atribuíam ao seus neófitos. Aguirre deixou-nos narrativa das principais fases do trabalho realizado para a obtenção dos *minerales de la yerba* (23). A inferioridade física do índio não podia ser aceita pelos que o conheciam, a erva atestava o contrário.

A imaturidade do índio era aceita por todos. Para o jesuíta era uma criança; necessitava de proteção, amparo e castigo como qualquer menor.

A influência do pensamento europeu setecentista evidencia-se em todos que, preocupados com o destino das populações pertencentes às antigas missões, apresentaram projetos ou criticaram soluções apresentadas. Há uma diretriz comum. A minoridade é flagrante em todos êles.

Viedma afirma:

(23). — Aguirre (Juan Francisco), *Diario del Capitan de Fragata D. Juan Francisco de Aguirre*, in "Revista de la Biblioteca Nacional". Buenos Aires, Tomo XIX, págs. 259 a 262.

“A manutenção da sociedade criada pelos jesuítas resultou do pressuposto estabelecido pelo *oydor fiscal* da incapacidade da população indígena de auto direção” (24).

O governador das antigas missões (Gonzalo Doblas) — situadas nos vales do Paraguai, Paraná e Uruguai — criticando o regime instaurado por Bucareli, considera-o, em tom irônico excelente, praticado com pupilos ou por pai e filhos, mas inadequado para formar povoados visando um adiantamento cultural de acôrdo com a vontade do Rei. Prossegue:

“Ainda que desde o princípio se reconheçam originar-se do regime de comunidade a incapacidade do índio e as idéias que lhes foram inculcadas de submissão e obediência, tratando-os como irresponsáveis (filhos menores)” (25).

Propõe nova forma de govêrno, mas sob reserva, já que lhes conceder a liberdade seria o mesmo que colocar cada indivíduo num deserto sem nenhuma companhia, obrigando-o obter todos os recursos à sua sobrevivência. E conclui: seria o mesmo que condená-lo ao perecimento.

Em Moxos e Chiquitos os mesmos argumentos são reproduzidos respectivamente por Lazaro Ribera e pelo ouvidor fiscal da Audiência de Charcas.

O primeiro em seu longo informe encaminhado à Audiência de Charcas, propondo mudanças no sistema existente, ao denunciar os mais variados tipos de arbitrariedade e desmandos perpetrados pelo govêrno que sucedeu ao dos jesuítas, insiste a todo instante na inocência e irresponsabilidade do índio (26).

Do auto de visita ao *oydor fiscal* (Sebastian Antonio Toro), da audiência de Charcas à *Gobernación de Chiquitos* retiramos a afirmação da irresponsabilidade do índio encarada sob conceituação jurídica. Analizando o asilo concedido pelos portugueses aos índios fugitivos de Chiquitos, em relação ao direito das gentes, estabelece duas

(24). — Viedma (Francisco), *Description de la Provincia de Santa Cruz de la Sierra*, in “Collección de obras documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata, Pedro de Angelis”, Buenos Aires, 1836, tomo III, pág. 142.

(25). — Doblas (Gonzalo), *Memoria Historica, Geographica, Política y Economica sobre la Provincia de Misiones*, in “Collección de Obras y Documentos relativo a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata, Pedro de Angelis. Buenos Aires, 1836, tomo III, págs. 18 e 19.

(26). — Gobierno de Mojos — (Informe del Gobernador de Mojos) 1750-1809 — C 7 — A 7 — nº 2, A G N.

categorias do referido direito: o primordial e o convencional. O primeiro é inerente à própria pessoa humana. Dêle decorre o direito de asilo para aquêles que são oprimidos por seus dirigentes. O segundo, o pactado baseia-se em cláusulas existentes nos tratados. Neste caso situam-se a obrigatoriedade de devolução de escravos profugos, de criminosos e ladrões.

O índio de Chiquitos, para o ouvidor fiscal, constitui agrupamento humano com características próprias. E argumenta: pela legislação de S. M. C. é uma população livre e portanto gozando do direito de transmigrar de um domínio para outro ao sentir-se oprimida. Admite que em outras épocas tenham sofrido violências de governadores e curas que não só os exploravam, como se vestiam e enriqueciam, despojando-os de seus bens. Contudo a população indígena de Moxos e Chiquitos, isentos do tributo que ao monarca devem todos os cidadãos livres, surge como categoria especial (27). Como cidadãos livres têm o direito asilarem-se em outro domínio, mas como devedores de tributos que não lhes foi imposto por razões que se fundamentam na incapacidade e irresponsabilidade dos mesmos, situa-se entre os que fogem por razões de dívidas.

Volta o ouvidor a repisar no mesmo argumento. A devolução de escravos profugos é obrigatória pelos tratados celebrados entre as duas Corôas. O general de Mato Grosso recusa-se a devolver os índios que se refugiaram em seus domínios, alegando serem possuidores da condição de homens livres. Entretanto, reconhecidos universalmente como *irresponsáveis*, são verdadeiros *orfãos* cujos *protectores*, possuem sôbre êles os mais nítidos direitos (28).

Só podemos compreender o regime dos jesuítas e os que os substituíram si levarmos em consideração o pensamento do século XVIII em relação ao índio.

A minoridade do homem americano é opinião majoritária na Europa da Ilustração.

Diego de Alvear, demarcador de 1777, participante da expedição de Cevallos à Santa Catarina, é na administração da América Colonial o homem que através de seus pensamento maiores afinidades possui com os enciclopedistas.

A população indígena do continente americano é vista por êle como pertencente a um mesmo grupo racial descendente de dois ir-

(27). — Gobierno de Chiquitos — Legajo — S 9 — 20 — 6 — 7 — Teste m.o de la Respt.a Fisc.l relativa la nuebo plan de gov.o de la Prov.a de Chiquitos y Prov.as. tomadas en su consecuencia, A G N.

(28). — *Ibidem*.

mãos Tupí e Guaraní que, aportando no litoral brasileiro, separaram-se devido a disputas de suas respectivas mulheres pela posse de um paggaio falador emérito.

Tupí permaneceu no litoral brasileiro e Guaraní transferiu-se para o Rio da Prata. Seus descendentes aumentaram tanto como as estrêlas do céu ou como as areias do mar. Após essa tirada que lembra Manuel Bandeira em “canção de muitas marias” prossegue:

“A côr trigueira ou de cobre dos guaraní, seu pelo lasso, sua barba falha, peito braços e pernas de regular disposição, sua cara e cabeças grandes e chatas, o nariz aberto, os olhos rasgados e mortos, seu ar todo agreste e incivil, e em geral tôda sua fisionomia e contestura anunciam e patenteiam esta homogeneidade de que temos falado, com os demais indivíduos naturais da América. Até as paixões tão apagadas da alma, a estreiteza do seu espírito a tibieza e facilidade do seu amor, a frieza de sua ira, seu pouco rubor, a nenhuma emulação pela gloria e por último a estreiteza de suas luzes e o materialismo do seu entendimento que nada compreende e tudo imita, tudo indica a mesma relação a mesma analogia. De sorte que podemos crer, não sem fundamento, que neste Nôvo Mundo, ou não existe outra raça além da guaraní ou pelo menos são todos de uma só e única estirpe” (29).

Após explicar a origem do homem americano, de enumerar suas características somáticas comprovantes de sua tibieza no amor, seus defeitos psíquicos entre os quais destaca o desinterêsse pela glória, cita sua fonte bibliográfica no seguinte trecho:

“Mr. de Buffon: e outros não menos célebres naturalistas, baseados no princípio da uniformidade dos americanos, passa a explicá-la, e encontra na temperatura quase igual dêste continente, e nisto muito diferente do antigo; e no modo de viver semelhante de seus habitantes, na uniformidade de seus alimentos, na sua criaçãoç campestre e brutal. O certo é que não se pode pôr em dúvida o poderoso influxo que tem o clima sôbre o caráter das paixões, dos gostos e dos costumes”.

Um rígido determinismo climático inferiorizava, pois, na opinião de Alvear tôda a população ameríndia. Dos administradores espanhóis na América nenhum se identificou de maneira mais clara com o pensamento enciclopedista, como o demarcador do tratado Santo

(29). — Alvear (Diego), *Relacion Geografica e de la Provincia de Misiones*, in “Collección de obras y documentos relativo a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata, Pedro de Angelis”. Buenos Aires. 1836, tomo IV, págs. 7 e 8.

Ildefonso. O texto foi retirado de um trabalho de Alvear, publicado na coleção de Angelis. Com o prestígio que possuía, sua influência no destino das antigas missões não pode de forma alguma ser diminuída.

Tais são as principais características dos administradores espanhóis na América e delas decorrem a série de medidas adotadas para o governo dos *pueblos* tão eficientemente criados e dirigidos pelos jesuítas.

(*Continua*).